

# O POEMA «ÁFRICA», DE MANUEL DOS SANTOS LIMA: ECOS DO *LIVRO DO GÊNESIS*

RUI TEIXEIRA

MEAF – Universidade do Porto.

Uma rápida leitura do poema «África», incluído em *Kissange*, permite estabelecer uma conexão entre este e o texto bíblico, nomeadamente o do *Livro do Génesis*.

Porém, antes de iniciar qualquer análise do poema, convém referir que esta estratégia de aproximação à *Bíblia* não é estranha na obra de Manuel dos Santos Lima. Utilizando como exemplo o livro de 1984, *Os anões e os mendigos*, é possível confirmar esta apropriação do texto sagrado. Aproveitam-se partes do Antigo Testamento, mais concretamente do *Livro dos Juízes*, *Êxodo* e *Levítico*. A citação do *Livro dos Juízes* remete para a promessa de um espaço de felicidade, o que será contrariado pelas citações seguintes, que apelam à violência e à justiça. Para além da escolha das epígrafes, os nomes das personagens também fazem parte do texto bíblico. Elias, Jeremias, Judite e Davi são exemplos de profetas e reis que no romance são trabalhados como falhados. As interseções entre a *Bíblia* e a obra romanesca de Manuel dos Santos Lima servem, sobretudo, para marcar uma posição política de combate, associada a uma quebra progressiva da fé na mudança. No entanto, apesar de continuar a recorrer à *Bíblia*, é outra a finalidade em «África».

Este poema é anterior ao romance referido. Foi publicado em *Kissange*, com edição da Casa dos Estudantes do Império. A sua estrutura está bem demarcada, mesmo a nível visual – encontra-se dividido em sete partes. Embora a simbologia numérica seja variável conforme a cultura, é possível relacionar esta divisão com a criação do mundo descrita pelo *Livro do Génesis*. Segundo este texto, a Terra foi concebida em sete dias – seis de trabalho e um de descanso. Manuel dos Santos Lima, tal como Deus, criou o continente africano em

sete momentos. Contudo, não há uma correspondência direta entre os dois textos: a primeira parte do poema não corresponde ao primeiro dia da criação, nem a segunda parte ao segundo dia, e por aí em diante. Manuel Lima procura aproveitar alguns elementos genesíacos para uma reinvenção de África. Pode ser considerada uma tática para legitimar a ideia de uma África já muito antiga, sagrada, de uma determinada forma. Não há combate a um texto com vista à destruição de um cânone que rejeitou durante séculos a produção africana. Neste poema prefere-se uma lógica que prima pela introdução natural de um texto literário num cânone. Aqui o texto africano torna-se semelhante ao texto produzido por outras culturas.

Entrando agora no comentário mais aprofundado ao poema, encontra-se um início em tudo semelhante à primeira fase de criação bíblica. O vazio da terra é o aspecto mais em foco na parte I do poema:

Esta é a terra  
sem nome, sem homens,  
grande e antiga  
terra minha,  
espaço sem dimensão,  
horizonte imóvel  
na extensão planetária.

Não há nada para cobiçar;  
não tem dono  
a sua grandeza imensa,  
jaz apagado o diamante,  
anónimo está o ouro,  
arde o ferro  
na massa subterrânea,  
falta personalidade à prata.

Não há nada para cobiçar;  
só silêncio,  
só terra grande,  
sem nome,  
sem homens,  
grande e antiga  
terra Minha<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> LIMA, 1961: 17-18.

É apresentado um lugar concreto e definido, a «terra», o que se comprova pela utilização do determinante demonstrativo «esta» e pelo artigo definido «a». Contudo, este lugar está completamente vazio: não é nomeado, não possui homens ou dono, nem tem nada para cobiçar. Tal quadro é semelhante ao que se encontra no *Livro do Génesis*: «No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era informe e vazia»<sup>2</sup>.

Contudo, é necessário estabelecer uma diferença entre o vazio de que se fala em ambos os textos. Na primeira parte do poema nunca é utilizada a palavra «vazio». É a partir de outras expressões que se pode chegar a essa ideia. Ao silêncio e à ausência de dono junta-se a ausência de nome e de homens, facto que é enfatizado, já que é mencionado duplamente. É a partir desta última evidência que se pretende estabelecer a diferença entre os dois textos. A colocação de um nome é semelhante à criação de um conceito, afastando o objeto da sua natureza e aproximando-o do humano. Foucault, na sua obra *As palavras e as coisas*, discute esta mesma divergência. Utilizando a narrativa bíblica, o autor mostra que a linguagem foi dada ao homem por Deus, e que os nomes eram colocados por similitude – a palavra e o objeto eram o mesmo e mantinham uma relação baseada no pressuposto da verdade. O episódio da destruição de Babel pôs termo a esta relação. É a partir desta base que Foucault analisa o fenómeno da linguagem, chegando ao ponto de afirmar que, no pensamento moderno, «a profunda interdependência da linguagem e do mundo acha-se desfeita»<sup>3</sup>. Manuel dos Santos Lima, através da inexistência do humano, procura atingir um estado original do continente africano, ao mesmo tempo que tenta estabelecer a sua linguagem como verdadeira. Já no *Livro do Génesis* o vazio da terra é uma ausência de tudo, seja humano ou natureza. A própria terra carece de uma identidade, pois é caracterizada pela palavra «informe».

Outra das diferenças entre as narrativas encontra-se ao nível do sujeito da enunciação. Em «África» assiste-se a um sujeito de primeira pessoa, ao passo que no *Livro do Génesis* a enunciação é feita na terceira pessoa. Esta conceção tem implicações na forma como se leem os dois textos. O sujeito poético possui uma experiência empírica do lugar. Caracteriza-a como «grande», «antiga» e com uma «tensão planetária». Por outro lado, apesar de afirmar o vazio da terra, não deixa de a reconhecer como sua, utilizando um determinante possessivo. Este determinante é empregue por duas vezes: a primeira com a letra inicial minúscula e a segunda com a inicial em maiúscula. Esta diferença é significativa e parece indiciar um progressivo aumento da noção de pertença à terra de que se fala. Com uma enunciação na terceira pessoa, tal como é a do *Livro do Génesis*, o narrador distancia-se daquilo que expõe, contribuindo para uma posição neutra perante o que é narrado.

A segunda parte do poema retoma o tema da natureza e mostra como esta é responsável pela vida na terra. É feita referência a elementos como o fogo, a lava, os vulcões, o relâmpago ou a chuva. A estes junta-se um vocabulário relacionado com a fecundação: «sexos»,

<sup>2</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 27.

<sup>3</sup> FOUCAULT, 1998: 98.

«desejos», «cio», «amor», «fecundante» e «cópula»<sup>4</sup>. Esta estratégia tem um objetivo claro e afirmado no próprio texto: realizar «a cópula total dos elementos»<sup>5</sup>. A lava é um exemplo desta fusão elementar. A lava é produzida a partir de um material, o magma, sujeito a elevadas temperaturas. Expelida pelos vulcões, a lava é viscosa, o que corresponde a um estado intermédio entre o sólido e o líquido. E se, como afirma o poema, for misturada com a água da chuva, torna-se sólida. Através da metáfora da lava pode perceber-se que a natureza é capaz de se construir a ela própria, transformando-se e criando o seu mundo. No entanto, toda esta vida é associada a elementos naturais, mas inanimados. Não seria expectável que esta natureza geológica tivesse a capacidade de ser tão ativa, mas o movimento que lhe é inculcido torna-a semelhante a qualquer ser vivo, seja ele uma planta, um animal ou um homem.

No *Livro do Génesis* é apresentada uma versão que em nada corresponde à produção de Manuel Lima. Toda a natureza provém de Deus, sendo esta a entidade que cria o céu, a terra, a luz, as plantas e os animais. Há uma relação hierárquica entre Deus e a natureza, onde o primeiro domina o segundo. Esta relação é anulada no poema, no qual a entidade que cria é a mesma que é criada. O desaparecimento de Deus desta equação acaba por tornar a própria natureza sagrada.

É na terceira parte de «África» que aparece o elemento «luz», presente no primeiro dia da criação. Na primeira estrofe é feito um jogo de contrastes entre a luz e a treva, tal como no livro bíblico:

Varada a treva pelo raio original,  
foi Luz a Vida  
em todo o seu esplendor;  
conheceu o Ser a sina da sombra  
e a soma vital de cada dia<sup>6</sup>.

Apesar da semelhança entre os dois textos comparados, o *Livro do Génesis* faz um juízo de valor em relação à luz: «Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou à luz dia, e às trevas noite»<sup>7</sup>. Esta afirmação obriga à atribuição de um valor positivo à luz e de um valor negativo à escuridão. Manuel dos Santos Lima não resolve este contraste, preferindo a sua manutenção. A prova disso é a utilização da imagem de uma noite com luar. A noite, apesar da escuridão, continua a ter a claridade proporcionada pela lua.

A terceira parte continua a segunda, na medida em que prossegue a ideia de uma fusão dos elementos. Assume-se que o «raio original» se fundiu com a terra, destruindo a cegueira e a solidão. Por outras palavras, é aqui que se inicia a vida:

<sup>4</sup> LIMA, 1961: 18-19.

<sup>5</sup> LIMA, 1961: 19.

<sup>6</sup> LIMA, 1961: 19.

<sup>7</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 27.

[...] palpitou a Vida  
na semente do acaso,  
articularam-se os músculos  
nas espessuras,  
estremeceu o vento  
na amplidão<sup>8</sup>.

Para além da natureza geológica já presente, passa a haver uma existência biológica:

Fera, metal e flor  
escolheram os seus domínios  
antes da madrugada  
em que pressentiram os passos do homem,  
recém-despertado  
do sonambulismo da Criação<sup>9</sup>.

Esta estrofe mostra uma natureza inteligente, capaz de fazer escolhas. Enfatiza-se o facto de que este episódio ocorre ainda antes da chegada do ser humano, como se este não fosse o único a ter a capacidade de escolher. O homem não domina a natureza – estão ambos ao mesmo nível. A natureza é, ao mesmo tempo, sagrada e profana, está ao nível da humanidade e de Deus.

A quarta parte de «África» é a continuação da criação da natureza biológica. Foca-se a atenção no crescimento das árvores, sendo estas caracterizadas como «patriarcas do Povo» e como «magnas divindades»<sup>10</sup>. A ligação entre a palavra «patriarca», considerando a sua utilização como um eco do vocabulário bíblico, e a palavra «divindade» produz o efeito, já explorado, de uma certa sacralização da natureza. Aliás, as árvores são adoradas como deuses:

[...] aprenderam os meninos a amar  
o grave baobá,  
a fecunda bananeira,  
o coqueiro como uma clave de fá  
na pauta do universo<sup>11</sup>.

Contudo, esta citação coloca alguns problemas. Até aqui o sujeito da enunciação nunca afirmou o aparecimento da humanidade, apenas o previu. No entanto, assegura que os meninos aprenderam a amar as árvores. Há aqui uma mistura temporal – o tempo da

---

<sup>8</sup> LIMA, 1961: 20.

<sup>9</sup> LIMA, 1961: 20.

<sup>10</sup> LIMA, 1961: 20.

<sup>11</sup> LIMA, 1961: 21.

enunciação não corresponde ao tempo do enunciado. Assiste-se a um sujeito poético que não é definível temporalmente. Daqui deriva uma sensação de eternidade deste sujeito, característica comum a qualquer divindade.

Ainda nesta quarta parte encontra-se uma referência à árvore da vida. Esta é uma das duas árvores referidas nos primeiros capítulos do *Livro do Génesis* – a outra é a árvore do conhecimento do bem e do mal. O sujeito poético, em «África», coloca Deus como aquele que forneceu à humanidade os frutos da árvore da vida. Este episódio é diferente do relatado no *Livro do Génesis*. Neste livro bíblico, apesar de Deus ter autorizado o consumo dos frutos de todas as árvores do Éden, exceto dos da árvore do conhecimento, Adão e Eva nunca comeram os frutos da árvore da vida. Levados pelas palavras da serpente, o primeiro homem e a primeira mulher acederam ao conhecimento do bem e do mal, alimentando-se da árvore que lhes tinha sido proibida. Tal atitude valeu-lhes a expulsão do paraíso e, ao mesmo tempo, fez com que Deus tornasse inacessível a árvore da vida:

*E o Senhor Deus disse: “Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal. Agora, pois, acautelemo-nos não estenda ele a sua mão e tome também do fruto da árvore da vida, e o coma, e viva eternamente”. O Senhor Deus expulsou-o do jardim do Éden, para que ele cultivasse a terra donde tinha sido tirado. E expulsou-o; e colocou ao oriente do jardim do Éden querubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida<sup>12</sup>.*

Manuel dos Santos Lima subverte esta narrativa. Permite que a humanidade aceda à árvore da vida para que alcance a eternidade. Através da árvore da vida, a humanidade estaria ao mesmo nível de Deus. Encontram-se aqui, de novo, três elementos: natureza, humanidade e Deus. Este triângulo pressupõe a eliminação da hierarquia entre estas três entidades.

Na quinta parte do poema prossegue a criação de uma natureza biológica, onde se destaca o aparecimento das flores. É referida a rosa, a magnólia e o cravo. A flor é vista como a fonte onde os seres vivos procuram algo: a mariposa procura a cor, o besouro tenta encher a sua taça e o poeta e a abelha encontram a doçura. O próprio sujeito poético alude ao seu amor pelas flores, destacando a sua multiplicidade de cores. O seu respeito pela flor é tão grande que não a arranca simplesmente da terra – pede-lhe que ela se arranque a si própria, se o quiser fazer. Esta cedência à vontade da flor mostra o quão elevado é o valor deste ser vivo e, por metonímia, da natureza.

A primeira vez que aparece uma referência concreta a um espaço extratextual é na quinta parte. África é mencionada como lugar onde nasce algo novo, à semelhança das flores que acabaram de nascer no poema. Mas o florescimento africano foi feito à custa de

---

<sup>12</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 30.

mortos, «passados e futuros»<sup>13</sup>, para os quais o sujeito poético pede flores. A morte será uma problemática eterna – morre-se quer pela escravidão, quer pela liberdade. Mais uma vez se encontra um sujeito poético capaz de viajar entre diferentes tempos, entre a criação do mundo e o tempo atual.

A sexta parte tem como motivo base o rio. O sujeito poético pretende confundir-se com os rios:

A minha alma está neles,  
líquida e sonora  
como a água entre o quissange das pedras,  
o anoitecer nas fontes<sup>14</sup>.

Este rio transforma-se em sangue, metaforizado através de um sujeito poético no qual correm «rios vermelhos e quentes» na sua «dimensão física»<sup>15</sup>. Esta parte do poema ajuda a explicar a constante evolução do sujeito poético. A água, representada pelo rio, não possui vida, embora se movimente. Por outro lado, só os animais e os humanos possuem sangue. Este desvelamento constante do sujeito acompanha uma evolução da natureza: primeiro uma natureza geológica, caracterizada pelos metais ou pelas pedras; e depois uma natureza biológica, numa primeira fase composta por plantas, numa segunda por animais e numa terceira pela humanidade, apenas completamente assumida na sétima parte do poema. Esta construção do sujeito é muito semelhante à criação sugerida pelo *Livro do Génesis*. Recorde-se que, segundo esta narrativa, ao terceiro dia Deus criou a terra, povoando-a com plantas, e no quinto e sexto dias apareceram os animais e o homem. Neste ponto do poema verifica-se que não é abordada apenas a gênese de uma terra mas também a gênese de um sujeito, como se terra e sujeito fossem a mesma entidade.

A evolução do sujeito/natureza termina na sétima parte. O primeiro verso, «Este é o Homem»<sup>16</sup>, sugere que o ser humano é o culminar de um caminho de desenvolvimento. Mais uma vez procura-se a harmonia entre natureza, homem e Deus – o verso «carne da terra»<sup>17</sup> demonstra uma ligação intrínseca entre a natureza e o humano, ao passo que «livre e feliz como um deus»<sup>18</sup> remete para uma conexão entre o humano e o divino. É no sincretismo entre estas três entidades que reside o arquétipo do Homem: «primário e autêntico», «puro como a aurora»<sup>19</sup>. No entanto, este Homem perfeito tem um destino que não seria de prever:

<sup>13</sup> LIMA, 1961: 22

<sup>14</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 23.

<sup>15</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 23.

<sup>16</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 23.

<sup>17</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 23.

<sup>18</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 23.

<sup>19</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 23-24.

Esperam-no  
chanas e terreiros,  
bataques e azagaias,  
grilhetas e caminhos negreiros<sup>20</sup>.

Há uma descrença no evoluir da humanidade. Esta não é capaz de manter a sua perfeição original.

O último verso do poema revela um sujeito que se assume como a voz de uma história ainda não contada. Utilizando os conceitos de Maurice Halbwachs, o sujeito poético tenta preservar a memória individual e coletiva através do seu testemunho, combatendo o esquecimento provocado pela memória oficial. «Eu hei-de contar a história»<sup>21</sup> fecha o poema, mas, ao mesmo tempo, semeia algo novo. É uma prova de que o fim pode ser sempre um início.

Em suma, «África» tem uma base bíblica, mas subvertida. Manuel dos Santos Lima aproveita a ideia de criação e alguns elementos citados no *Livro do Génesis* para construir um poema que retrate o nascimento de um continente. Ambos os textos se baseiam numa lógica evolutiva, mas distinguem-se na hierarquização dos elementos. O poema anula a estrutura proposta pela narrativa bíblica e promove a harmonia entre a natureza, o homem e a divindade. Manuel Lima propõe uma visão sincrética da realidade, tentando impor a escrita como a sua verdade e como a sua memória. Aproveitando a metáfora da cópula dos elementos, pode-se afirmar que a poesia deste autor é uma constante fusão e tradução de mundos, procurando dar conta da vitalidade do universo.

## Bibliografia

(1998) – *Livro do Génesis*. In *Bíblia Sagrada*. Cucujães: Editorial Missões, p. 27-97.

FOUCAULT, Michel (1998) – *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70.

HALBWACHS, Maurice (1992) – *On collective memory*. Chicago: University of Chicago Press.

LE GOFF, Jacques (1988) – *Histoire et mémoire*. Paris: Gallimard.

LIMA, Manuel dos Santos (1961) – *Kissange*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império.

---

<sup>20</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 24.

<sup>21</sup> *Livro do Génesis*, 1998: 24.